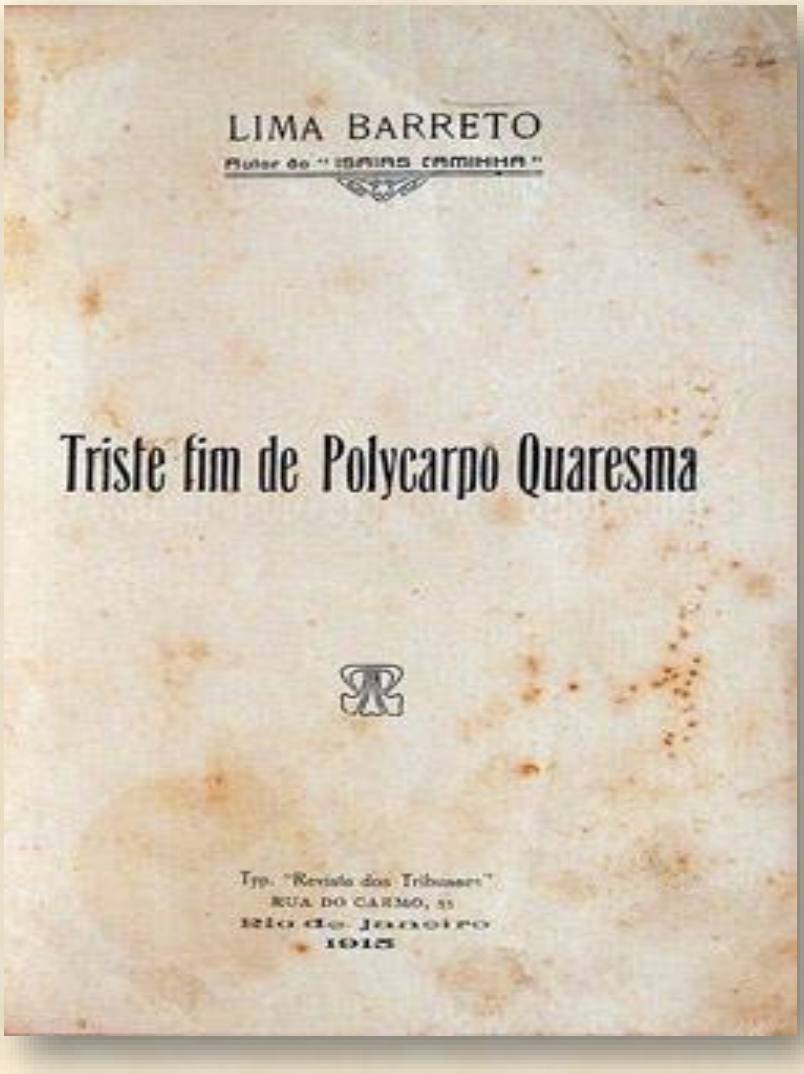

POLICARPO QUARESMA E O SEU PROJETO DE NACIONALIDADE

Valdinei Soares

O romance de Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma, faz parte de um conjunto de obras literárias que tratam da identidade nacional, como Iracema de José de Alencar, Os Sertões de Euclides da Cunha, Macunaíma de Mário de Andrade, Quarup de Antonio Callado e Viva o Povo Brasileiro de João Ubaldo Ribeiro. O fato de que importantes escritores

da literatura brasileira tenham abordado a questão da nacionalidade, é indicativo de que o tema está longe de uma resposta satisfatória.

Cada uma destas obras, inclusive Triste Fim de Policarpo Quaresma, possui uma visão singular da brasilidade. Mas de todas elas, talvez a mais pessimista quanto ao conceito de nacionalidade seja a de Lima Barreto. O romance constitui, na verdade, uma sátira do projeto nacionalista dos românticos, que pretendiam construir uma grande nação nos trópicos. Os românticos foram os primeiros a lidar com a necessidade de se criar uma identidade nacional, o que, desde então, tornou-se um assunto recorrente na literatura brasileira.

Não é um assunto restrito à atividade literária, pois outras áreas do conhecimento, como a antropologia e a sociologia, possuem obras substanciais tratando da identidade nacional. São clássicos como Projetos para o Brasil de José Bonifácio de Andrade e Silva, Raízes do Brasil de Sergio Buarque de Holanda, Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre, O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro, etc.

Esta busca da compreensão do que seja a brasilidade, de definir uma identidade nacional, tem-se revelado um assunto muito complexo. É provável que o país seja ainda muito recente para que possa ter uma identidade. Pode ser que este conceito de identidade nacional seja uma quimera, mais uma das tantas quimeras dos românticos.

O romance Triste Fim de Policarpo Quaresma visa ser uma desmistificação desta ideia de que o Brasil possua uma identidade. São muitos os desastres que ocorrem ao personagem Policarpo Quaresma em seu propósito de construir uma grande nação nos trópicos, culminando sua trajetória na loucura e na morte.

Policarpo Quaresma e o nacionalismo

O projeto nacionalista de Policarpo Quaresma é herdeiro da concepção de nacionalidade dos românticos. A visão que os românticos tinham do Brasil, com a valorização da cultura local, a exaltação do indígena como o brasileiro autóctone, a consagração da pátria e da natureza exuberante dos trópicos, a

questão da língua, é a mesma que possui Policarpo Quaresma. Esta exaltação da nacionalidade, com a valorização da cultura local, que os românticos brasileiros exploraram em suas obras, por sua vez, é herdeira do romantismo europeu.

Os escritores do romantismo chamariam para si a responsabilidade pelo estabelecimento da identidade nacional, explorando em suas obras a rica herança cultural da Idade Média. Este resgate cultural seria conhecido na Europa como medievalismo.

Mas como se daria este processo nas Américas, onde somente no século XIX, a maioria das nações começaria o movimento de independência? Aqui não havia a riqueza cultural que os românticos europeus puderam explorar em suas obras.

As ex-colônias precisavam construir uma nação viável tanto econômica quanto culturalmente. Esta tarefa os nossos românticos assumiriam, buscando na nossa história recente aqueles elementos culturais característicos e nos acontecimentos políticos e militares os feitos heroicos que permitiriam a afirmação nacional.

Os românticos brasileiros se propuseram a estabelecer esta identidade cultural, e, no caso dela não existir, criá-la. É preciso descrever este projeto romântico, em linhas gerais, pois ele estará presente no projeto nacionalista de Policarpo Quaresma. Os mitos românticos quanto ao Brasil, segundo Antonio Soares Amora, eram os seguintes:

> "a grandeza territorial do Brasil"; "o mito da majestade e da opulência da natureza brasileira"; "o mito da igualdade de todos os brasileiros"; "o mito da benevolência, da hospitalidade e da grandeza do caráter do povo brasileiro"; "o mito das grandes virtudes de nossos costumes patriarcais"; "o mito das invulgares qualidades afetivas e morais da mulher brasileira"; "o mito do alto padrão da civilização brasileira" e "o mito de nossa privilegiada "paz otaviana".[1]

Esta concepção romântica de um país excepcional influenciará sensivelmente a concepção de nação de Policarpo Quaresma. É provável que

1 Antônio Soares Amora, O romantismo, São Paulo, p. 37.

Lima Barreto pretendesse demonstrar, pelo seu personagem, que pôr em prática os ideais do romantismo, num país como o Brasil, só poderia redundar em desgraça para o pretendente. Esta exaltação da pátria é mais para consumo espiritual das massas, do que para se tornar realidade.

O Brasil da época de Lima Barreto

É preciso ressaltar dois pontos importantes, nesta análise de Triste Fim de Policarpo Quaresma. O primeiro diz respeito à ação do romance, que transcorre por volta de 1893, quando o presidente Floriano Peixoto encontrava-se às voltas com uma rebelião da Armada. O segundo é que Triste Fim de Policarpo Quaresma foi escrito por Lima Barreto em 1915. Neste período, o romantismo, como corrente literária, já fazia parte da história. Mas não o seu espírito e seus ideais. A necessidade de Lima Barreto em abordar um personagem romântico é o mais seguro indicativo de que o romantismo não estava de todo sepultado.

O Brasil retratado em Triste Fim de Policarpo Quaresma pertence ao período que se situa na última década do século XIX e a composição do romance ocorreu no início do século XX. No âmbito da literatura, as correntes literárias predominantes eram o realismo e o naturalismo, na prosa, e o parnasianismo e o simbolismo, na poesia. Já o período em que o romance foi escrito é conhecido como *Belle Epoque*, principalmente na Europa, constituindo-se de um mundo sofisticado, artístico, que vivia seus últimos momentos, pois a Primeira Guerra Mundial em andamento iria sepultá-lo.

O Brasil sofreria apenas os reflexos desta sofisticação decadentista. Mas nada disto transparece em Triste Fim de Policarpo Quaresma, que trata de um país provinciano. A intelectualidade representada no romance é muito limitada em seus horizontes. O país parece sem futuro. Todos lutam no romance para conseguir privilégios ou uma sinecura. O único personagem que consegue demonstrar um espírito empreendedor, além de Policarpo Quaresma, é o italiano Vicente Coleoni, que possui uma empresa.

O envolvimento de Policarpo Quaresma com o governo de Floriano Peixoto, desastroso sob todos os aspectos, constituí o clímax do romance e o momento em que o personagem atinge o auge de sua grandeza. O governo de Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, alcunha devido à repressão feroz que fez aos seus adversários, foi marcado pela instabilidade, com duas revoltas importantes: a revolução Federalista no sul do país e a revolta da Armada, no Rio de Janeiro. As duas revoltas foram vencidas pelo governo, que usou de um processo repressivo brutal.

Mas por que, Policarpo Quaresma, que possuía ojeriza aos políticos, foi se envolver com eles? Podemos deduzir, pelas inclinações conservadoras de Policarpo Quaresma, que o governo forte de Floriano Peixoto deve tê-lo atraído. Outro motivo, o mais provável, é que Floriano, devido a algumas medidas econômicas que tomara, visando proteger a indústria nacional, ganhara fama de ser nacionalista. Ora, Policarpo deve ter visto neste governo a chance de finalmente conseguir implementar seu projeto nacionalista. Floriano era, em sua visão, um igual.

O nacionalismo era uma questão que estava presente em todos os aspectos da vida nacional da época. O fato de o Brasil ser uma nação relativamente recente levava os políticos, militares e intelectuais a explorar continuamente o sentimento patriótico dos brasileiros. O instável governo de Floriano, devido às medidas protecionistas “Estabelece logo a mística do poder nacionalista, o que lhe vale dedicações totais e animosidades também totais”[2].

Policarpo Quaresma cometeria o erro fatal de criticar um governo que se mantinha no poder a ferro e fogo. A cena em que Floriano comenta com Policarpo que ele não passa de um visionário, demonstra a distância que havia entre suas concepções de nação. A política nunca foi lugar para idealistas.

Triste Fim de Policarpo Quaresma é uma crítica tanto ao nacionalismo xenófobo de nossos idealistas, que, por absoluta falta de experiência pública, quando se envolvem com políticos profissionais, acabam em desgraça; como

2 Cláudio Vicentino. História do Brasil, São Paulo, 1998, p.276

também crítica o governo criminoso de um de nossos primeiros governantes nacionalistas.

Policarpo e seus pares

Algumas perguntas surgem quando se analisa o projeto nacionalista de Policarpo Quaresma: quem é este homem que pretende fundar a "*brasilidade*" sobre novos parâmetros? Ele possuiria as qualificações intelectuais e morais para se lançar num projeto desta magnitude? Policarpo empalidece diante de alguns fundadores, como Homero, cuja obra, a Ilíada e a Odisséia, serviu de parâmetro para a construção da identidade cultural do povo grego. Já o povo judeu tem em Moisés, um dos poucos homens a conversar com Deus, o fundador da sua nacionalidade.

A fundação de uma nação, no entanto, nem sempre exige de seu fundador estatura excepcional. Rômulo e Remo, fundadores de Roma, realizaram de relevante o famoso rapto das sabinas.

Perfil de Policarpo Quaresma

Traçar o perfil de um personagem como Policarpo exige algumas precauções, pois ele representa muito mais do que se pode apreender de uma leitura simples. O cerne deste personagem está muito além do seu aspecto mais evidente, ou seja, o de que seja um arquétipo dos patriotas nacionais.

A primeira percepção que temos do personagem encobre sua característica fundamental, a de que é um romântico. Esta descoberta revela-se apenas aos poucos, resultado da compreensão de seu idealismo, de seu projeto nacionalista romântico, da paixão com que vivia suas ideias e a vontade com que se empenhou em tornar realidade seu projeto de nação.

Outro fator a obscurecer esta compreensão diz respeito ao fato de que o protagonista não vive nenhum caso amoroso. É um homem solitário. Na verdade, é um dos personagens mais solitários da literatura brasileira. Sua

afilhada percebe este isolamento numa cena em que se tem uma das melhores descrições de Policarpo Quaresma

> "A menina vivaz, habituada a falar alto e desembaraçadamente, não escondia a sua afeição tanto mais que sentia confusamente nele alguma coisa de superior, uma ânsia de ideal, uma tenacidade em seguir um sonho, uma ideia, um voo enfim para as altas regiões do espírito que ela não estava habituada a ver em ninguém do mundo que frequentava"[3].

Policarpo Quaresma se movimentava em um nível de idealismo que o aproximava dos gênios e dos santos. Pela sua probidade de caráter, a intensidade de seus sentimentos e a obsessão com que buscou realizar seu projeto de nação, ele estabelece uma cumplicidade com as personagens trágicas.

Sua descrição nos revela um homem de aspecto físico insignificante: baixo, magro, pálido, com um cavanhaque apontado e de olhar agudo por detrás do pince-nez. Sua saúde não era muito boa "Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz"[4].

Mas é no aspecto psicológico que ele revela sua singularidade. Ele vive em função de uma obsessão que tomou conta de si ainda jovem, aos dezoito anos, quando a pátria tornou-se sua única preocupação. Uma ideia que permanece tanto tempo, mais de trinta anos, acaba por se tornar uma obsessão.

Policarpo estabeleceu para si um objetivo, reformar o Brasil, e concentrou todos os seus esforços para a sua realização. Seu comportamento revela um espírito que beira a esquizofrenia. Age sempre como se seguisse um plano, que em nenhuma circunstância podia ser modificado, quer seja em suas linhas gerais, quer seja nos detalhes

> "Era assim o Major Policarpo Quaresma que acabava de chegar à sua residência, às quatro e quinze da tarde, sem erro de um minuto, como

3 Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma, São Paulo, 1997, p. 35.

4 Id. Ib., p. 20

> todas as tardes, exceto aos domingos, exatamente, ao jeito da aparição de um astro ou de um eclipse. Havia mais de vinte anos que isso acontecia"[5].

Esta disciplina germânica lembra o filósofo Kant, outro celibatário inveterado, que se comportava na vida real com a precisão de um relógio suíço e seus vizinhos também regulavam suas atividades pelos seus passeios diários.

Este comportamento regrado de Policarpo contrasta muito com as ideias que matutava há tantos anos sobre o que era melhor para a nação e as aventuras com as quais acabaria por se envolver, nos anos finais de sua vida, e que culminariam em sua morte. Mas até o momento em que, não contendo mais em si suas obsessões, ele decide revelar a nação suas ideias, Policarpo não passa de um perfeito burocrata, regendo sua vida por normas que a tornavam muito limitada. Estas limitações de horizonte, quer seja no aspecto social quer seja no intelectual, prejudicarão seu projeto de reforma da sociedade brasileira.

Quanto aos seus relacionamentos sociais, é preciso ressaltar as limitações de seu convívio humano. Vive isolado, mal se relacionando com os seus vizinhos "Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo"[6].

Um homem introspectivo, cujas relações sociais se limitavam a sua irmã, ao compadre, sua filha e aos colegas de repartição. Este círculo só irá se ampliar quando, não conseguindo conter em si o seu projeto nacionalista, ele começará a receber em casa um cantor famoso, com o fito de aprender a arte da viola.

Quanto à formação intelectual, ele é um autodidata. Nada nos é dito quanto a sua escolaridade, mas não é um bacharel "a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas um clínico afamado no lugar, que não

---

5 Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma, São Paulo, 1997, p. 21.

6 Id. Ib., p. 17

podia admitir que Quaresma tivesse livros: 'Se não era formado, para quê? Pedantismo!"[7].

Sua formação intelectual estava acima da média de sua época, constituída de bacharéis enfatuados. Mas um exame de sua biblioteca revela o quanto esta formação autodidata possuía de limitações "Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião"[8]. São livros de um único assunto: o Brasil. A grande obsessão de Policarpo Quaresma. Começamos a adentrar o espírito deste homem que pretendia fundar a pátria sob novos parâmetros. É uma presa de sua obsessão.

A relação dos escritores da área literária se concentrava nos autores românticos e de períodos literários anteriores, embora o período literário vigente fosse o do realismo

> "Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros"[9].

Tinha preferência por aqueles autores que possuíam uma visão épica da pátria. Era uma coleção de autênticos patriotas. Suas leituras de autores estrangeiros se concentravam nos "*brasilianistas*" das mais variadas origens. Policarpo Quaresma era um poliglota, capaz de compreender diversas línguas.

> "De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handelmann (Geschichte von Brasilien), Melo Morais, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, o Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto de Magalhães e se se encontravam também Darwin,

7 Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma, São Paulo, 1997, p. 17.

8 Id. Ib., p. 19

9 Id. Ib., p. 19

> Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente"[10].

Quanto aos conhecimentos linguísticos, eles iriam ampliar-se com o estudo do tupi-guarani, língua que considerava um elemento importante para o seu projeto nacionalista. Um estudo que faria "...com afinco e paixão"[11]. Sua ojeriza ao estrangeiro advinha de um outro fator.

> "A razão tinha que ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento que guiava sua vida. Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro"[12].

A razão de seu patriotismo transcende aos interesses pessoais. Ele vive seu amor pela pátria como o romântico viveria uma paixão amorosa "Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente"[13]. Policarpo dedicará sua vida, e até a sua morte, a esta paixão.

De suas origens regionais nada se sabe. Ele é antes de tudo um brasileiro, as questões regionalistas não existem para ele. Policarpo é um símbolo. Sua representação, no entanto, não é simples. Ele personifica o nacionalista xenófobo tanto quanto o idealista.

É um personagem com características quixotescas. Dom Quixote possuía uma biblioteca de um só tema: a cavalaria e de tanto lê-los, acabou enlouquecendo, lançando-se às aventuras, objetivando defender os desvalidos deste mundo e estabelecer a justiça.

Policarpo Quaresma também possuía uma biblioteca de um só tema, o Brasil, e de tanto lê-los, um dia se propôs a transformar o país. Seu projeto o

---

10 Id. Ib., p. 19

11 Id. Ib., p. 20

12 Id. Ib., p. 19

13 Id. Ib., p. 20

leva à loucura e à morte. Ambos são homens solitários, vivem com parentes e não geraram descendentes. Ambos são sustentados, a despeito do aparente desequilíbrio psíquico, por um idealismo e comportamento ético impecáveis.

Quaresma era um burocrata. Fazia parte da estrutura do sistema em uma posição subalterna. Seu cargo era de subsecretário no Arsenal. Ao ser recusado no alistamento militar, devido aos problemas de saúde, escolhe seguir uma carreira próxima da militar, por uma razão

> "Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria"[14].

Como burocrata possuía tempo para se dedicar aos estudos do que era sua obsessão: "Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política"[15]. Conhecia o país como poucos, pois era a única leitura que se permitia. Mas era um conhecimento parcial, pois deliberadamente ignorava as obras que não fossem de exaltação nacional.

A trajetória de Policarpo

Há dois momentos decisivos na vida de Policarpo. Um deles o levará à loucura e o outro à morte. O primeiro deles ocorre quando resolve revelar seu projeto nacionalista e propõe a Câmara a troca do português pelo tupi-guarani, provocando uma reação muito diferente da que esperava. A reação adversa a sua proposta perturba seu espírito e ele acaba recolhido ao hospício.

Policarpo Quaresma não estava preparado psicologicamente para suportar a reação contrária ao seu projeto. O preparo intelectual, por si só, não

14 Id. Ib., p. 20

15 Id. Ib., p. 20

é suficiente para alguém conseguir impor suas ideias. Mas foi o modo pelo qual veio o retorno a sua sugestão de mudança linguística que o perturbou.

Ao projeto de mudança linguística não há resposta. As zombarias de que é alvo não constituem uma resposta. Significam apenas desprezo. Policarpo não estava preparado para isto. Não há como dialogar com zombarias. Seu projeto serviu apenas para animar as colunas de jornais e provocar a verve humorística dos jornalistas.

Mas que voz poderia respondê-lo, num país onde os políticos não possuíam o mínimo respeito pelo povo e os intelectuais eram tão enfatuados que desconsideravam quem não fosse bacharel? Sua voz, naturalmente, só podia soar no deserto.

O segundo momento decisivo de sua vida ocorre quando ele decide participar do governo de Floriano Peixoto que estava às voltas com uma revolta na Marinha. Sua participação no governo, no entanto, custará sua vida. Não é possível aproximar-se tanto do Poder, mantendo-se um homem íntegro. A recusa de Policarpo em compactuar com os desmandos das autoridades irá pouco a pouco torná-lo um corpo estranho neste universo formado, em sua maioria, por oportunistas.

Mas se é verdade que basta um ato para justificar uma vida, o gesto que justificará a vida de Policarpo será a carta enviada as autoridades criticando os seus desmandos e crimes. Tudo que fez, os desvarios de seu projeto, esmaece diante deste gesto temerário, de um homem que não compactua com a injustiça, mesmo que isto possa custar-lhe a vida.

Um gesto romântico. Até o fim, Policarpo foi um romântico e sacrificou sua vida por um ideal, que, na verdade, nunca morreu nele. Mesmo em seu momento mais desesperador, encarcerado nas masmorras do governo, quando faz um balanço de sua vida, sua integridade moral não permite que se lamente de ter escrito a carta de denúncia.

O projeto nacionalista de Policarpo Quaresma

A abordagem que Lima Barreto faz da concepção de nação dos românticos e dos "velhos patriotas" de sua época, é irônica. Policarpo

Quaresma personifica a visão que Lima Barreto possuía dessas pessoas, que eram ao mesmo tempo sérias, formais e ridículas.

A concepção de uma nação com uma cultura própria, original, é reveladora de limitações intelectuais, como ocorre com Policarpo Quaresma, que de propósito limitou-se intelectualmente, ao estudar apenas obras que exaltavam a pátria.

Os românticos, com sua proposta literária de explorar as cores locais, acabaram por exacerbar esta visão nacionalista tacanha, que possui ojeriza a cultura estrangeira. Triste Fim de Policarpo Quaresma aborda satiricamente esta concepção de nação. Embora o tom de sátira seja evidente, a obra retrata o espírito de uma época. As propostas de reforma do projeto nacionalista de Policarpo Quaresma estiveram em voga, uma geração antes, durante o romantismo, e seus reflexos ainda se faziam presentes no início do século XX.

Pode-se pensar que Lima Barreto tenha exagerado, quando levou Policarpo Quaresma a propor a substituição do português pelo tupi-guarani. Mas aqueles que possuem conhecimento das polêmicas linguísticas, nas quais estiveram envolvidos os românticos, sabem que eles chegaram a afirmar a existência de uma língua brasileira, uma ideia tão estapafúrdia quanto à proposta linguística de Policarpo.

A formação do povo brasileiro

O projeto de nação de Policarpo Quaresma tinha muito de improviso. Suas limitações intelectuais eram evidentes, bastando para isto observar sua biblioteca. Sua concepção de nacionalidade exigia a apresentação de uma definição étnica do povo brasileiro, o que nunca ocorreu. A eleição do indígena como o paradigma da nacionalidade implicava em ignorar toda a herança étnica e cultural dos lusitanos e africanos.

A recusa de Policarpo em reconhecer a importância da herança portuguesa (isto para não falar da herança africana, o que seria exigir demais) na formação do povo brasileiro, revela um profundo descontentamento com nossas origens lusitanas. Não só dele mas de grande parte dos brasileiros. É

corrente que uma parte significativa dos brasileiros julga que a colonização do Brasil por Portugal constituiu-se num fator de atraso econômico e cultural.

A política colonialista portuguesa, que possuía um caráter apenas explorador, criou no país uma antipatia para com o legado português. Portugal nunca se propôs a criar uma nação nos trópicos. Pretendia apenas saquear a colônia. Sua política colonialista criou no país maus hábitos governamentais, uma elite acostumada aos desmandos e ao saque dos cofres públicos, de cujos reflexos até hoje o país sofre os efeitos.

Policarpo Quaresma, devido a suas leituras “brasilianistas”, não devia ignorar que o processo colonizador português foi exercido de uma forma predatória, em todos os sentidos. A contribuição étnica portuguesa, por exemplo, merece ressalvas. Portugal enviava para a colônia o rebotalho humano de suas prisões, os chamados degredados, criminosos de todas as espécies. Darcy Ribeiro comenta em Fundação do Brasil "Degredados, prostitutas e patifes, estão, pois, bem assentados em nossa galeria heráldica"[16].

Duarte Coelho, um dos donatários, em 1546 já reclamava: "(...) pelo amor de Deus, que tal peçonha para aqui não me mande"[17]. Mem de Sá, advertindo El Rey, em 1560: "(...) povoar essa terra de degredados malfeitores, que os mais deles mereciam a morte e que não tem outro oficio que o de urdir males (...)”[18]. Jaboatão também deixou sua impressão: "boa droga de abortos e vícios, escândalos e desordens"[19]. Quanto à matriz feminina, o Padre Manuel da Nóbrega também deu sua contribuição, solicitando ao Reino que enviasse para cá mulheres “mesmo que fossem erradas, pois todas arranjariam casamentos” [20]. Quando não eram os degredados, apareciam por aqui os

16 Darcy Ribeiro, *Fundação do Brasil*, *Vozes*, Rio de Janeiro.

17 Id. Ib., p. 44

18 Id. Ib., p. 44

19 Id. Ib., p. 44

20 Vianna Moog, Bandeirantes e pioneiros, Rio, 1966, p. 181

aventureiros, cuja única intenção era enriquecer o mais rápido possível e retornar a metrópole. Como se orgulhar desta origem?

Outros lamentam que o príncipe Nassau não tenha conseguido consolidar a conquista holandesa de Pernambuco, se expandindo para o restante do país. Crê-se que o país seria outro, uma potência econômica. As condições em que se encontram ex-colônias holandesas nas Antilhas e na América do Sul, como é o caso da ex-Guiana Holandesa, atual Suriname, desmentem este mito. São países pobres, sujeitos as mesmas mazelas da América Latina.

Os portugueses, no entanto, foram eficientes em expulsar os invasores, quer fossem holandeses, quer fossem franceses. Portugal conseguiu também manter a unidade territorial do país que, pela dimensão do território nacional, é quase um continente. A América de língua espanhola não possui algo semelhante.

O indianismo

A exaltação do índio como o brasileiro autóctone possui suas origens no romantismo brasileiro. As leituras de Policarpo devem naturalmente tê-lo encaminhado para esta visão. O país que possuía entre 2 milhões a 5 milhões de índios na época do descobrimento, viu esta população ser reduzida sensivelmente pelo extermínio, as doenças, a escravidão e a miscigenação. A miscigenação confere a este elemento étnico relevância na formação do povo brasileiro. Sua presença em nossa cultura se faz por meio da língua, dos costumes, no uso de instrumentos e na culinária. A religião também, devido ao sincretismo religioso do brasileiro.

Das propostas do projeto nacionalista de Policarpo, a mais curiosa e radical diz respeito à substituição do português pelo “tupi-guarani”. O projeto de Policarpo possui lógica, mas não bom senso. Ele está certo ao constatar que um dos elementos mais fortes na caracterização de um povo diz respeito à língua. Policarpo era filho de uma época que levara ao extremo a questão da nacionalidade e a língua era considerada como um elemento fundamental no estabelecimento da coesão nacional “O século passado – século das

nacionalidades e do nacionalismo – ao estreitar os laços da civilização supernacional, deu impulso ao particularismo linguístico até a exasperação"[21].

O projeto de Policarpo de estabelecer o tupi-guarani como língua oficial do Brasil era consoante com uma xenofobia nacional que predominou na época do romantismo. Os românticos, logo após a independência, chegavam a afirmar a existência de uma língua brasileira, com características tão próprias que se poderia considerá-la um novo idioma.

Policarpo simplesmente radicaliza o processo e propõe a substituição de um idioma pelo outro, eliminando-se assim qualquer exigência dos portugueses com relação a descaracterização do idioma. O projeto, no entanto, estava fadado ao fracasso. A língua portuguesa se tornou universal no território nacional e as diversas línguas indígenas existentes na época do descobrimento estavam fadadas a extinção.

A restauração linguística não foi a única das propostas de Policarpo Quaresma quanto as nossas origens indígenas. A reforma atingia também os costumes. Policarpo Quaresma constatou que o país não possuía nada de original nesta área e se deixava influenciar pelos costumes de outros povos. O estudo do folclore nacional revelou apenas a existência de fábulas e canções de ninar sem grandes significações.

Policarpo Quaresma procurou então ressuscitar os costumes indígenas. Se fosse mesmo levada a sério, esta restauração não poderia ficar restrita apenas ao costume indígena de receber visitas chorando. Ele teria que considerar também o hábito indígena de viver pelado na selva, caçando e pescando, descansar enquanto as mulheres trabalham, além da arte culinária do canibalismo.

---

21 Barbosa Lima Sobrinho. A l í ngua portuguesa e a unidade do Brasil. Rio, 1977, p. 6

A terra paradisíaca

Este é um dos mitos mais recorrentes de nossa tradição romântica. O mito do paraíso terrestre, desenvolvido pelos românticos e pelos viajantes que por aqui estiveram. O ápice desta visão paradisíaca pode ser encontrado no romance Iracema de José de Alencar.

Sua origem mais remota encontra-se na Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Neste texto famoso, Pero Vaz de Caminha afirma que a terra é tão boa que "dar-se-á nela tudo". Afirmação de um cronista que nada entendia de agricultura, mal conheceu a terra, pois logo seguiu para as Índias e nunca mais retornou ao Brasil. Mas o mito solidificou-se no imaginário nacional.

Deste discurso inicial e da imensidade territorial do país, criou-se à ideia de que o Brasil possui uma natural vocação agrícola. Alguns séculos depois, um cientista famoso, Alexandre Humboldt, iria enunciar "diante da vegetação luxuriante da Amazônia, que o grande vale seria o "Celeiro do mundo"[22].

A realidade não se revelaria tão generosa. O Brasil nunca conseguiu realizar este vaticínio por um simples motivo

> "O que se tem experimentalmente comprovado é que os solos tropicais (solos de laterita) são sumamente pobres. As grandes chuvas lavam a terra e seus componentes químicos a empobrecem, num forte contraste com os solos quimicamente ricos dos prados euro-asiáticos (frios e temperados) do Danúbio, da Ucrânia e do Meio-Oeste dos Estados Unidos"[23].

Policarpo iria comprovar isto pessoalmente quando se propôs a demonstrar que o país era viável economicamente. É derrotado pelas saúvas e pela pobreza do solo, que se esgota rapidamente. Realiza-se, no entanto, um outro vaticínio famoso de Saint-Hilaire de que ou o Brasil acabava com a saúva ou a saúva acabava com o Brasil.

---

22 Vianna Moog, Bandeirantes e pioneiros, Rio, 1966, p. 20

23 Id. Ib., p. 20

Ao fim de sua atividade agrícola Policarpo começa a compreender que suas expectativas quanto a agricultura eram todas falsas, ele que acreditara que o “Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem dotado...”[24], meras ilusões advindas de suas leituras de viajantes que observaram o país com olhos de turistas, maravilhados com a vegetação luxuriante dos solos tropicais.

A descrição que um dos autores preferidos de Policarpo, Rocha Pita, faz sobre o Brasil, é memorável "Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madruga mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados..."[25].

Leituras deste tipo criaram em Policarpo Quaresma falsas perspectivas quanto aos reais recursos do país. Com a exceção de algumas áreas do norte do Paraná e de São Paulo, que possuem terras roxas, que dispensam a correção do solo, o Brasil era um país que impressionava pelo tamanho do território, mas não pela riqueza agrícola.

A cordialidade do brasileiro

Outro mito recorrente diz respeito à concepção do brasileiro como uma pessoa afável, a famosa cordialidade do brasileiro. Nossa história desmente claramente esta quimera com vários exemplos. Diversas rebeliões que ocorreram durante a nossa curta história como país independente demonstram que esta cordialidade é uma mistificação.

Alguns destes movimentos foram extremamente violentos, como a Cabanagem, movimento de rebelião que ocorreu no norte do país e causou a morte de mais de 30 mil pessoas; a Farroupilha no sul do país que ameaçou a integridade do país, durou dez anos e levou à morte doze mil pessoas; a Sabinada na Bahia, outro movimento separatista; a Revolução Praieira de Pernambuco; Canudos, cujo massacre foi imortalizado por Euclides da Cunha em Os Sertões; a Guerra do Contestado; o Cangaço no Nordeste; a Revolta da

24 Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma, São Paulo, 1997, p. 99.

25 Id. Ib., p. 22

Chibata contra o tratamento humilhante e violento da Marinha e que teve uma repressão brutal e as diversas ditaduras com os seus desmandos e crimes de sempre.

Policarpo Quaresma constatará isto quando já se encontrava a mercê de seus carrascos "Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção"[26].

O mito da cordialidade não se sustenta diante da exclusão social da maior parte de sua população, os desmandos das autoridades, a insensibilidade das elites, a corrupção generalizada, a violência urbana, a violência no trânsito, a violência no campo e a inoperância da justiça. Mas a realidade não consegue subjugar esta capacidade nacional para a mistificação. Basta lembrar desta frase que já faz parte do imaginário nacional de que "Deus é brasileiro". O país sai de um mito para outro.

O brasileiro possui muito de Policarpo Quaresma em sua capacidade de acreditar que somos grandes em muitas coisas, enquanto a realidade o esmaga com o seu peso de injustiças.

O Brasil apresentado no romance Triste Fim de Policarpo Quaresma é deprimente. Observa-se um país provinciano, que possui muito de improviso, não existe um projeto de nação, muita patriotada, mas poucas realizações.

As elites presentes no romance são mesquinhas em seus interesses. É o país dos bacharéis, que chegam a ser adorados, por constituírem uma exceção na ignorância generalizada a que estava relegada a população. Os políticos, os militares, os bacharéis e os funcionários públicos possuem uma preocupação apenas: como conseguir uma sinecura. A disputa por cargos públicos revela que o país não possuía alternativas de ascensão social além do governo.

Num universo tão avesso ao empreendimento e a criatividade, o furor transformista de Policarpo Quaresma constituía um corpo estranho. Os

---

26 Id. Ib., p. 166

bacharéis que poderiam compreender seu projeto, sequer considerariam a possibilidade de analisar suas propostas, por estarem imbuídos de preconceitos. Jamais aceitariam que este homem do povo, que não era um bacharel, pudesse ter ideias próprias.

A cena em que Genelício, o exemplo mais típico dos barnabés brasileiros, comenta com alguns militares o requerimento de Policarpo à Câmara, sobre a adoção do tupi-guarani, é antológica. Eles chegam a aventar a ideia de proibir a quem não é bacharel de ler livros. Não é de estranhar que, numa sociedade deste tipo, o idealista Policarpo tenha sido levado primeiro ao hospício e depois ao paredão.

A concepção de pátria da última voz de Policarpo Quaresma

Há, em Triste Fim de Policarpo Quaresma, duas concepções de nacionalidade. Uma expressa pela voz romântica de Policarpo Quaresma e a outra expressa pela voz realista do narrador. São duas vozes que convivem desde o início da narrativa, mas nunca haverá um diálogo entre elas. Elas se opõem por sua própria visão de mundo e quando uma se manifesta, a outra se mantém silenciosa.

No início do romance a voz preponderante é a voz romântica de Policarpo Quaresma. A voz do narrador irá se manifestar, mas apenas em momentos específicos, quando Policarpo Quaresma se encontrar em apuros. Não se pode deixar de observar que a voz do narrador é simpática ao protagonista.

Mas ao fim do romance a voz que irá prevalecer será a voz realista do narrador. A voz romântica de Policarpo Quaresma estará silenciosa, quer seja por causa de suas decepções, quer seja pelo domínio absoluto da voz do narrador.

A questão das vozes ganha especial relevância quando se percebe que o discurso de Policarpo Quaresma, um romântico visceral, sofre substancial alteração, transformando-se numa voz realista, até mesmo cética. É ele mesmo

que discursa ou é uma outra entidade que assumiu o seu lugar, como numa possessão?

É esta última voz de Policarpo Quaresma que interessa analisar agora, porque ela expressa a verdadeira razão pela qual este romance foi escrito. Mas esta voz que vem dos calabouços da "República", que se manifesta como a voz de Policarpo Quaresma, afigura-nos estranha ao personagem. Uma voz crítica, dominada pelo bom senso, que avalia um por um todos os objetivos nacionalistas de Policarpo e os arrasa implacavelmente.

É uma voz que vinha se anunciando desde o envolvimento de Policarpo Quaresma com as autoridades e sua progressiva perda de ilusões. Policarpo Quaresma sofrerá uma sistemática perda de referências, o que ocasionará uma mudança significativa em seu discurso. O personagem começa a expor não mais suas ilusões, mas sim suas desilusões. A carta escrita a sua irmã ilustra muito bem esta mudança de tom.

O otimismo invencível do Policarpo romântico não conseguiu fazer frente a implacabilidade da vida política. O mundo real da política exige ou que você se adapte ou que pereça. O momento crucial das desilusões ocorre quando Floriano chama Policarpo Quaresma de visionário e não demonstra interesse algum pelas suas ideias reformistas.

> "Era pois para sustentar tal homem que deixava o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural?"[27].

A partir deste encontro a desesperança toma conta do discurso de Policarpo Quaresma. Mas sua manifestação mais intensa ocorre após a sua prisão, quando ele faz, no calabouço, um balanço da própria vida. Embora esta voz simule ser a voz de Policarpo (ela se instala como um monólogo) é possível perceber qual é sua origem, o narrador.

---

27 Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma, São Paulo, 1997, p. 148

A voz do narrador leva Policarpo a uma reflexão implacável sobre a própria vida e o projeto de nacionalidade que abraçou tão obsessivamente. As ideias do narrador sobre a questão da nacionalidade são expostas através de um Policarpo fragilizado, a espera da execução.

Temos aqui um exercício de autocrítica surpreendente para um romântico. A voz começa com uma questão que acomete todo ser humano próximo da morte, que é uma indagação sobre o sentido da própria vida

> "Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço? Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida?"[28].

Somente a ideia do destino, de sermos um joguete nas mãos de uma divindade cega e caprichosa para explicar certas coisas. Somos tentados a encontrar justificativas transcendentais para os acontecimentos adversos.

A voz do bom senso indaga então dos motivos da prisão e conclui "ele atribuía a prisão à carta que escrevera ao presidente, protestando contra a cena que presenciara na véspera" [29]. A cena dos homens escolhidos aleatoriamente para morrer atingira intensamente a consciência romântica de Policarpo Quaresma. A carta será a sua última manifestação romântica

> "Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos a esmo, para uma carniçaria distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; e ele escrevera a carta com veemência, com paixão, indignado"[30].

---

28 Id. Ib., p. 165

29 Id. Ib., p. 165

30 Id. Ib., p. 165

Eis um gesto que não será questionado pela voz. A voz que a seguir irá demolir o idealismo patriótico de Policarpo, não levanta um argumento sequer para questionar o ato temerário da carta. Este gesto não era passível de discussão. A voz do bom senso também possuía o seu lado romântico. O discurso aqui permaneceu coerente com a mentalidade de um homem como Policarpo Quaresma, que não costuma negociar com os seus princípios.

A seguir começa o discurso demolidor da voz, que não deixará pedra sobre pedra do antigo edifício patriótico de Policarpo Quaresma "Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada"[31]. Uma vida desperdiçada atrás de uma quimera. A voz é implacável! Não há meios tons.

Esta ação devastadora da voz sobre os ideais mais caros de Policarpo à torna estranha a esta vida romântica, que desde os dezoito anos deixara absorver-se pelo patriotismo. A retórica desta frase "Desde os dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades"[32] é incoerente com a obsessão que comandara a vida de Policarpo. Um suicida pode adotar um exame de consciência devastador, porque quer cortar todos os laços com a vida. Mas este não é o caso de Policarpo.

Não se pode negar as razões que fundamentam o discurso do bom senso. Que importava a Policarpo, neste momento derradeiro, que os rios brasileiros fossem grandes, os maiores do mundo? Sua vida valia mais do que eles, pois pelo menos ela era sua e agora ia perdê-la.

O discurso da voz do bom senso elabora uma série de indagações e de respostas que não deixam a Policarpo Quaresma nenhuma chance de justificativa. Pode-se observar que nenhum argumento é levantado por Policarpo para explicar suas atitudes. Sua voz romântica silenciou. Somente a implacabilidade do realismo se faz presente neste último discurso.

---

31 Id. Ib., p. 166

32 Id. Ib., p. 166

Se esta é agora a voz de Policarpo Quaresma, que tipo de homem ele seria se tivesse saído com vida desta aventura? Pelo grau de ceticismo demonstrado pela voz, o mais provável é que teria se tornado um cético como "Brás Cubas".

A pátria da última voz de Policarpo Quaresma

O último discurso de Policarpo Quaresma sobre a sua concepção de pátria é revelador das ideias do narrador sobre o assunto. Nesta nova visão da pátria ela se transforma numa quimera, uma invenção dos gregos e romanos

> "Não sabia que essa ideia nascera da amplificação da crendice dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes?"[33].

Uma concepção de mundo que acreditava numa continuidade de relações, mesmo após a morte, e que os vivos devem carregar a tocha sagrada dos clãs, de que não se deve abandonar a reverência aos mortos. Os vivos e os mortos habitam o mesmo espaço e é preciso preservar o território para as gerações futuras.

Mas não se reduz apenas a isto, o conceito de pátria, ele também foi manipulado com outros objetivos "Pareceu-lhe que essa ideia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições..."[34]. Uma visão mais realista desta questão, que não é tão simples quanto se imagina.

É preciso levar em conta um outro fator, que é o instinto de sobrevivência. Assim como os animais chegam a um determinado lugar e delimitam um território que julgam necessário para sua sobrevivência, atacando

---

33 Id. Ib., p 166

34 Id. Ib., p 166

a todos que invadam este espaço, os seres humanos agem do mesmo modo. Um povo delimita um espaço que julga vital para sua sobrevivência e reage com violência a qualquer ameaça a este território.

A argumentação contra o patriotismo segue adiante, alinhavando agora argumentos históricos "Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?"[35]. As fronteiras das nações variam de acordos com as guerras, os acordos diplomáticos, a ascensão e queda das grandes potências. O caso da Alsácia-Lorena é bem significativo. Ora dos franceses ora dos alemães, a região serviu sempre de justificativa para as aventuras militares de ambos os lados.

A voz do narrador, que se apresenta como a de Policarpo Quaresma, comete um pequeno lapso, ao revelar bons conhecimentos de história mundial, quando a ignorância de Policarpo Quaresma nesta área fora ressaltada capítulos atrás, numa passagem em que militares debatiam assuntos ligados à história "Ninguém ali lhe podia contestar. Quaresma só sabia história do Brasil e os outros nenhuma"[36].

A opinião da voz sobre a pátria é expressa, então, claramente "Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista"[37]. A voz que se expressa aqui é mais cética do que Lima Barreto, que em um de seus artigos chegou a afirmar que seria capaz de morrer por um ideal "Só admito que se morra em matéria de política quando se o faça por uma ideia que interesse um grande grupo humano"[38]. A voz presente em Triste Fim de Policarpo Quaresma é mais descrente.

---

35 Id. Ib., p. 166

36 Id. Ib., p. 167

37 Id. Ib., p. 167

38 Lima Barreto, Margin a lia, Virtual Bookstore, 2001, p. 10

A visão que esta voz possui da pátria é de uma quimera pela qual não vale nem que se desperdice uma vida a trabalhar por ela, quanto mais derramar o próprio sangue. O ceticismo desta voz, no entanto, é ocasionado pela visão histórica do Brasil. O que existe aqui é a expressão de uma decepção com a mãe-pátria "Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele, se vinham oferecendo, sacrificando e as coisas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza"[39].

A voz se recusa a se sacrificar por um Brasil que há séculos é explorado por uma elite corrupta, cujos desmandos se conhece muito bem. A reflexão amarga de Policarpo Quaresma é resultado de suas lutas infrutíferas para mudar a situação do país. Nada, mas nada mesmo de seu projeto fora aceito pelas elites do país. O país sempre se encontrou manietado por uma expressão que os políticos nacionais usam em situações embaraçosas "Vamos deixar como está, para ver como fica".

Qual é a imagem do Brasil e do povo brasileiro que resta a Policarpo, encerrado nas masmorras da "República"?

> "A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati"[40].

Estes homens deprimentes tornaram-se para o idealista Quaresma o símbolo da pátria. São homens de espírito mesquinho, oportunista e criminoso. Uma realidade que permanece a mesma mais de um século depois.

Lima barreto e a nacionalidade

Lima Barreto foi um jornalista ativo, embora esta profissão não fosse o seu principal ganha-pão, que era o seu emprego burocrático numa repartição do Exército, um emprego semelhante ao de Policarpo Quaresma no Arsenal.

---

39 Id. Ib., p. 141

40 Id. Ib., p. 166

Alguns destes artigos, escritos para os jornais e revistas da época, são esclarecedores quanto à sua concepção de pátria.

Num artigo intitulado *"A Questão dos "Poveiros",* recolhido no livro Marginália, ele comenta a situação deste povo oriundo de Portugal e que se recusava a integrar-se com a população brasileira. Neste mesmo artigo ele analisa também a situação dos japoneses que formavam uma comunidade fechada, com poucos contatos com os brasileiros. Sua posição é de moderação, atacando os patriotas brasileiros

> "As minhas ideias e os meus princípios são inteiramente infensos a esse prurido de nacionalização quê anda por aí, e do qual os "poveiros" foram vitimas, tanto mais que, no caso desses homens, se trata de uma profissão humilde, tendo ligações muito tênues e remotas com a administração, a política e coisas militares do Brasil, não exigindo, portanto, o tal "fogo sagrado do patriotismo", a fim de apurar-lhe o exercício, junto a excelentes vencimentos"[41].

Lima Barreto continua avaliando a situação nacional e internacional, cobrando das autoridades um espírito mais conciliatório, evitando-se com isto repetir o absurdo que fora a guerra na Europa, resultado da intolerância entre os povos.

Em outro artigo, publicado no *Correio da Noite*, analisando uma pesquisa divulgada pela diretoria da Biblioteca Nacional, que relatara que apenas duas pesquisas havia sido sobre a língua guarani ele comenta irônico "É de causar aborrecimento aos velhos patriotas, que só duas pessoas procurassem ler obras na língua que, no entender deles, é a dos verdadeiros brasileiros. Decididamente este país está perdido..."[42].

Lamentável que ele não tenha nomeado estes "*velhos patriotas*", teríamos uma ideia de quem realmente foi satirizado em Triste Fim de Policarpo Quaresma.

---

41 Lima Barreto, Margin á lia, Virtual Bookstore, 2001, p. 2

42 Id. Ib., p. 8

A questão da nacionalidade é vista também com muita ironia num artigo que escreve sobre uma viagem que fez de trem pelo interior. Ele comenta que a despedida que observou entre um pai e seu filho (eles se beijam no rosto quando o filho deveria beijar a mão do pai) não corresponde às tradições patriarcais do Brasil e conclama nossos nacionalistas a luta "Nessa despedida encontrei um problema nacionalista que rogo aos meus amigos Álvaro Bomilcar e Jackson de Figueiredo a resolverem-no quanto antes, para sossego da "brasilidade"[43].

Após comentar que este tipo de comportamento é pernicioso, constituindo um afrouxamento do exercício da nacionalidade, "uma injúria aos manes de nossos avós", ele confia que os nacionalistas de plantão saberão resolver este problema, pois "Não sou autoridade no assunto; mas, os meus amigos católico-nacionalistas resolverão, estou certo, a questão a contento de todos e com rara sabedoria escolástica"[44].

Existia no país, portanto, uma corrente nacionalista xenófoba, da qual Lima Barreto tinha ojeriza. O fato de ele ter sido funcionário de uma repartição do Exército, a *Diretoria de Expediente da Secretaria da Guerra*, o pôs numa relação direta com um tipo de nacionalismo simplista, que exalta a pátria profissionalmente.

Mas a leve ironia com que trata os nacionalistas de plantão desaparece quando se refere aos políticos brasileiros. Esta vertente do nacionalismo pátrio é tratada com absoluto ceticismo "eu sou completamente avesso a negócios de política, porque não acredito nela e muito menos nos políticos" [45]. O nacionalismo dos políticos é oco, meras palavras vazias, usadas para sustentar interesses particulares. Lima Barreto possui uma visão idealista da política.

> "Para mim a política, conforme Bossuet, tem por fim tornar a vida cômoda e os povos felizes. Desde menino, pobre e oprimido, que vejo a "política" do Brasil ser justamente o contrário. Ela tende para tornar a

43 Id. Ib., p. 15

44 Id. Ib., p. 16

45 Id. Ib., p. 18

> vida incômoda e os povos infelizes. Todas as medidas de que os políticos lançam mão são nesse intuito”[46].

Uma visão tão pessimista da classe política praticamente torna impossível qualquer mudança substancial na ordem das estruturas sociais. Seu personagem, Policarpo Quaresma, estava condenado ao fracasso, porque seu criador era um cético quanto a todos estes discursos exaltadores da pátria.

Mas existem os nacionalistas que Lima Barreto respeita, como os colegas da *Gazeta Literária*, que possuem com relação ao Brasil um projeto nacionalista que tem a sua simpatia

> “Era um patriotismo mais espiritual, que não tinha uma finalidade guerreira e pretendia tão somente conhecer as coisas da nossa terra, a alma das suas populações, o seu passado, e transmitir tudo isto aos outros, para nos ligarmos mais fortemente no tempo e no espaço, em virtude desse próprio entendimento mútuo”[47].

A concepção de pátria de Lima Barreto está equidistante do nacionalismo rasteiro praticado pelas elites brasileiras de sua época. Os nacionalistas de plantão, os donos da pátria, quer sejam os políticos, os militares ou os intelectuais que se colocavam a serviço das autoridades, como Olavo Bilac, apreciam explorar o espírito guerreiro da espécie humana. É a forma mais fácil de manipular com as multidões. Para estes patriotas, a pátria é apenas um meio de exercitarem suas ambições.

Um artista sensível como Lima Barreto concebe a pátria como uma entidade espiritual, um sentimento que é resultado das ligações afetivas que o homem estabelece com a terra onde nasceu, a comunidade onde vive, laços poderosos, cujos fundamentos são obscuros para a razão humana.

Ele demonstrou que estava à frente de sua época, ao reconhecer que não temos um país homogêneo, quando afirma a necessidade de se conhecer

---

46 Id. Ib., p. 17

47 Id. Ib., p. 90

"a alma" das populações que habitam o território nacional. O Brasil é um país complexo, formado de diversas etnias, resultando a brasilidade de um conjunto muito rico, quer seja no aspecto étnico quer seja no aspecto cultural. Procurar estabelecer esta síntese, esta "alma" brasileira, é algo temerário. Diversos intelectuais que se debruçaram sobre a questão, acabaram por torná-la ainda mais complexa, devido aos novos questionamentos que levantaram.

Conclusão

Cervantes criou Dom Quixote visando satirizar os romances de cavalaria e acabou por criar o mais famoso dos cavaleiros andantes. Lima Barreto ao criar Policarpo Quaresma visava satirizar o projeto de nação dos românticos e acabou por criar o último grande personagem romântico da literatura brasileira.

Lima Barreto não criou com Policarpo Quaresma um arquétipo romântico, tanto que Policarpo não vive nenhuma paixão amorosa, típica dos românticos. Habilidosamente ele camuflou o romantismo do personagem, expondo uma das vertentes do romantismo, que é a exaltação da pátria.

A vida e a morte de Policarpo está inserida numa concepção de heroísmo própria dos românticos e que fazia parte da visão de mundo do próprio Lima Barreto, exposta num artigo sugestivamente intitulado *"Elogio da Morte",* no qual comenta "A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isto, a Morte é que deve vir em nosso socorro"[48].

Um romantismo camuflado levou Lima Barreto a criação de uma personagem que leva ao extremo tudo o que faz na vida e é capaz de afrontar a morte, quando isto se faz necessário, heroísmo que no Brasil é escasso "A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres"[49].

---

48 Lima Barreto, Margin à lia, Virtual Bookstore, 2001, p. 10

49 Id. Ib., p. 10

Policarpo Quaresma representa muito mais do que imaginamos, ele se filia a grande tradição do romance universal que vê nas personagens excêntricas a expressão da verdadeira vida "Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo"[50].

O artigo *"Elogio da Morte"* desdobra-se num conjunto de argumentos no qual está presente toda a angústia de Lima Barreto por ser mais um dos tantos excluídos desta pátria *"mãe gentil"* do Hino Nacional. Um texto esclarecedor quanto à ideologia que sustentava o discurso literário de Lima Barreto e que Policarpo Quaresma representou integralmente.

Policarpo Quaresma era a exceção em uma sociedade norteada pelo espírito do oportunismo, que busca levar vantagem em tudo, incapaz de heroísmo, desprendimento, coisas que só os doidos das mais variadas espécies possuem

> "São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes ideias, para melhoria das condições da existência da nossa triste Humanidade. Nunca foram os homens de bom senso, os honestos burgueses ali da esquina ou das secretarias "chics" que fizeram as grandes reformas no mundo"[51].

O artigo expõe uma concepção de mundo romântica, que Policarpo Quaresma personificou, tornando-se este texto uma chave importante para a compreensão do que realmente este personagem representava para Lima Barreto. Em outro artigo, *"Palavras de um Simples"* Lima Barreto demonstra que também estaria disposto a heroísmos pela pátria

> "Só admito que se morra em matéria de política quando se o faça por uma ideia que interesse um grande grupo humano" e "Seria capaz de deixar-me matar, para implantar aqui o regímen maximalista; mas a

50 Id. Ib., p. 10

51 Id. Ib., p. 10

favor de Fagundes ou de Brederodes não dou um pingo do meu sangue"[52].

A luta fracassada de Policarpo pela reforma das instituições do país torna-o uma personagem emblemática do brasileiro, no que ele tem de idealista, nas suas expectativas de um país grandioso e que, a cada dia, vê o seu sonho desvanecer.

As razões que levaram Policarpo ao fracasso de seu projeto nacionalista foram muitas. Seu clamor não encontrou eco e seu sacrifício solitário o coloca entre as grandes personagens que, como Dom Quixote, vivem seu sonho, mesmo que isto custe a própria razão, e, no seu caso, a vida.

BIBLIOGRAFIA

AMORA, Antônio Soares. **O romantismo.** Cultrix, São Paulo.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** Klick Editora, S. Paulo, 1997.

Um longo sonho do futuro. Graphia Editorial, Rio de Janeiro, 1993.

Marginália. Virtual Bookstore (HYPERLINK "http://www.vbookstore.com.br" www.vbookstore.com.br), 2001.

BARSA. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. Rio de Janeiro, 1999.

CORTESÃO, Jaime. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Livros de Portugal, Rio, 1943.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pioneiros**. 8ª ed. Civilização Brasileira, Rio, 1966.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
A fundação do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1992.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **A língua portuguesa e a unidade do Brasil.** Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1977.

52 Id. Ib., p. 18